

PASSEIO PUBLICO DE LISBOA.

MÁ foi por certo a escólha do local, quando se plantou o passeio publico de Lisboa, obra logo na sua origem incompleta. Os montes, ou eminencias, de S. Roque continuando com a altura da Cotovia ao poente, e de Santa Anna ao oriente, deixam entre as suas faldas uma nesga de terra, prolongamento do valle em que assenta a formosa cidade baixa: neste terreno, onde remotamente houve hortas, e que se nivelou, um parallelogrammo plantado d'arvores alinhadas a cordel, e de banquetas de buxo e louro tosquiados, nos intervallos d'arvore a arvore,

Tom. IV. DEZEMBRO 5. — 1840.

com uma rua larga ao meio que permite o transito a carruagens a par, fechado de muralhas forradas d'eras e de arbustos, rôtas a espaços com janellas engradadas de varões de ferro, como as d'uma prisão, era o passeio publico desta cidade. Monotono pela sua enfadonha regularidade, destituído d'ornamentos proprios, sombrio pelo copado do arvoredado, melancholico pela situação, mais parecia retiro de monges que desenfasiada diversão dos habitantes de uma capital populosa: privado de lances de vista, e orlado pelos dois lados com as paredes de casas,

tinha um aspecto verdadeiramente claustral. Absorveu-se a contemplação dos reedificadores de Lisboa na criação da cidade baixa, era esta o seu mimo e desvelo; e dahi proveio talvez a collocação do passeio: não presumiram que seria mais agradável aos moradores de ruas enfileiradas regularmente, e sempre [menos nas horas nocturnas] estrepitosas, o subir ás alturas e desfructar os dilatados e jucundissimos pontos de vista, que são as delicias da capital; fizeram um passeio para gottosos e doentes de rheumatismo, que ficasse a geito aos inquilinos desta parte da cidade, e não curaram do restante da população, da virilidade robusta, da mocidade inquieta.

Já não era possível, aproveitando o local antigo, remediar grande parte destes defeitos: mas a intenção de aformosear a capital, a imitação das obras estrangeiras, lá foram entender com o passeio velho; não se poupou a cantaria, em que somos ricos, não se poupou tambem o ferro; e eis agora aquellas alamedas, rodeadas de gradarias de ferro sujeitas entre pilastras de pedra, á moda dos *squares* inglezes, conquistando grande parte da praça fronteira á miseravel cancella, que era d'antes a porta do passeio, e convertendo-a em florido jardim. Louvavel foi o intento, nem por esta parte reprehenderemos a obra; mas parece que este passeio tem má sina: bruxa malevola o agourou á nascença. Nenhum dos erros antigos no arruamento do arvoredo se emendou; continuam as massas fastidiosas de verdura, quasi uniformemente decotada. Quereríamos que se poupassem as arvores, panegiristas como somos da plantação dellas, porque não são obra de um, mas de muitos annos; quereríamos tambem que a par das arvores de facil crescimento, para refazer o bosque se plantassem as mais tardias em seu desenvolvimento, afim de com a duração e copa d'umas compensar a transitoria ramagem das outras, para no lapso dos tempos se conseguir a perpetuidade das alamedas; mas tambem desejaríamos que as banquetas monotonas de buxo se variassem com os diversos ornamentos que ensina a arte do jardineiro, e que apparecessem alguns grupos d'arbustos, apparentemente deixados vegetar á vontade, mas cerceados no bracejamento dos ramos. É regra constante que estes maciços vegetaes exigem certa ordem e regularidade; mas se esta apparece com demasiado estudo, se é forçada e por consequencia mesquinha, logo se cança e enfada o espectador. Todas as artes são a imitação da natureza; consegui-la de maneira que produza completa illusão é o grande apuro do artista: mas na jardinagem, que é um mister, que depende sobretudo de bom gosto e pratica, não ha mais que aproveitar e sujeitar os movimentos espontaneos da natureza no reino vegetal; e se nisto entra o primor da arte é só pelo que toca á disposição dos jardins, que tem sua architectura [digamollo assim] graciosa, difficil, e particular; na disposição e variedade, no recorte e graças das differentes figuras, que as plantas docéis á mão do operario representam n'um terreno, está o segredo do mestre: e este segredo não pertence ao cultivador das plantas, mas sim ao desenho do homem dotado de bom gosto, e entendido nas artes, a que por tão justos titulos chamâmos *bellas*. Sem o concurso deste homem não é possível formar hoje jardins agradaveis: lá cabe tambem, mas depois, seu grau de louvor ao cultivador perito, que tem na mão fechado o imperio de Flora, e abre os cofres á proporção das estações, que nunca deixa despídos e aridos os seus canteiros, que sabe matizar as côres, e produzir as variedades, creando hermaphroditos, á custa dos órgãos principaes da planta, para nos recrearem a vis-

ta com a multiplicidade das pétalas; queremos dizer que sabe alcançar as mais lindas flores a que chamam dobradas.

No pequeno espaço de jardim a S. Pedro d'Alcantara ha uma elegante variedade no desenho, que faz sobresahir as galas das mimosas amantes da volúvel borbolêta: neste, que chamâmos o jardim do passeio de baixo, quatro largos talhões, e muito parecidos, recordam os tempos das cabelleiras e polvilhos, das casacas tão amplas como os capotes, dos espadins, das fivellas nos çapatos: usaram-se, mas a moda, que nestes pontos não foi tyranna, proscreeu-os e caminhou a par dos melhoramentos do nosso seculo.

O que diremos porem olhando para a mole indigesta collocada no meio desse jardim? As ferreas portas, mais seguras que as da Bastilha, já fazem tremer de susto, e a montanha de pedra, que se vê logo, toma a vista e sobresalta: uma bacia enorme para receptaculo das aguas; um pedestal enormissimo no centro, sem proporção com o diametro do lago e objectos adjacentes, para suster uma pinha, por onde esguicha difficilmente um apoucado repucho, como se as aguas abafadas pela mole immensa não podessem respirar; figuras de tritões e sereias, mal acabadas, com proporções intoleraveis para estarem ao nivel dos espectadores: tal é o quadro que nos denunciaria como atrasados nas bellas-artes, se outras próvas não tivessemos dado da nossa habilidade e saber. Não seria melhor ajardinar mais elegantemente aquelle chão vasto, tirar o fantasma medonho e desaffrontar a rua geral do passeio, collocar nas quatro divisões lagos com seus repuchos e com ornamentos graciosos e proporcionados?...

Não pára nisto o mau fado do passeio publico: houve a infeliz lembrança de neste local, sombrio por sua natureza, erigir uma cascata na extremidade opposta ao jardim: o sitio não podia ser peor; e os exemplos não militam a favor da obra: em lugar de cascata teremos forçosamente um temível espantalho. Cascata é uma quéda das aguas, e para que esta logre seu effeito deve ter não pouca altura; e desta alguem poderá ajuizar pela semi ellipse que as ha-de receber: segue-se que o passeio ficará por aquelle lado ainda mais melancholico, e que as casas fronteiras nos primeiros andares hão-de ser privadas do logradouro de boa vista, alem de padecer com a excavação que se fará no largo por causa do nivellamento da entrada do passeio. Se a cascata não tiver a sufficiente quéda, para o que não vemos geito, então não é cascata é uma nova vergonha, para fazer *pendant* [como dizem os artistas] ao pedestal do jardim. E o mais é que esta obra tão dispensavel se faz, quando a necessidade publica reclama outras urgentissimas. Ainda em reparos e reconstrucções de ruas e calçadas tem que se gastar muito dinheiro do municipio; haja vista ás que dão entrada para a cidade, principalmente dos lados do norte e do nascente, que sendo de frequentissimo transito estão em partes consideravelmente arruinadas sem que de ordinario se ponha remedio prompto, como convinha, a esta lastimosa damnificação.

Não desconhecemos que a corporação municipal, ou a camara, como usualmente dizemos, tem feito obras uteis nas ruas e caminhos e outras de diverso genero, mas parece que o interior de Lisboa lhe tem exclusivamente roubado a attenção, quando não merecem menor as vias de transito, por onde entrâmos e sahimos, por onde se effectua um commercio utilissimo e diario. Por todas estas considerações sentimos que em obras, como a da celebre cascata se dispendam quantias, que deveriam ter indispensavel applicação. O camponex, que nos traz os fructos, a

hortaliça e outros generos alimentares, não irá por certo com o seu jaleco de burel vêr a cascata do passeio, mas ha-de bemdizer quem melhorar a estrada por onde elle guia a muito custo o fiel companheiro das suas jornadas.

Temos em o nosso paiz primorosas obras artisticas; cuidemos em as poupar e conservar, que é restricto dever nosso: quando quizermos e podermos edificar obras de mero luxo e apparatus, confiemos a sua direcção aos homens para isso habilitados e que podem dar cabal satisfação de si: mas primeiro que tudo tractemos de acudir aos trabalhos uteis; não queiramos usurpar o direito aos vindouros: se nós fizermos as obras necessarias, elles farão as sumptuosas.

Em tributo á verdade, terminando este artigo, diremos que no lado, extremo septentrional do passeio, vemos dois cisnes, esculptura bem acabada que sahiu da Academia das Bellas-Artes; semelham o natural e illudem a quem os vê de longe, caminhando-se pela rua central.

#### ALEXIS PETROWITCH.

##### *Fragmento da historia russiana.*

— PARTIU o autocrata de todas as Russias, Pedro o Grande, a visitar os seus amplos estados, levando consigo o principe, Alexis, seu filho. Em Moscow Alexis adoeceu: e, ou porque Pedro se aborrecesse de trazer semelhante companheiro, ou porque visse que o principe com tão melindrosa saude corria perigo, permittiu-lhe que ficasse no Kremlin. Era nem mais nem menos o que os frades, maquinadores contra a auctoridade do imperador, ha muito desejavam: separar do pai o filho, e seduzir este para se escudarem com poderoso nome na rebellião que meditavam. Impacientes por causa das reformas de Pedro 1.<sup>o</sup>, que de dia para dia solapavam o edificio do poder sacerdotal, e conhecendo que o credito de que entre o povo gozavam já não era tamanho que de per si podessem levantar-se contra o rei, e restabelecer o antigo predominio, lembraram-se de procurar na familia imperial pessoa que favorecesse os seus intentos. Mas o character irresoluto de Alexis era o maior dos obstaculos; alem de que a discordia entre pai e filho não estava sufficientemente declarada. Se Alexis, apesar de ter dado o primeiro passo, podesse retroceder, não havia que contar com a vontade d'um mancebo sem resolução, nem energia: era mister cortar-lhe a possibilidade da retirada, e foi o que destramente fizeram.

No convento de Sibrok, ao pé de Moscow, havia uma donzella que fazia a sua profissão no seguinte dia. Chamava-se Afrosina. Sabiam os monges que a lembrança de Afrosina estava ainda mui viva no coração do principe; porque este, antes de casar, ouvira uma tarde na capella de Sibrok uma certa voz, e vira um certo rosto, que tal impressão lhe fizeram que a ella se attribuia a aversão que manifestava a sua mulher, Carlota Sophia. Como Alexis era já viuvo, suppozeram com razão, que a vista de Afrosina era mais que sufficiente para despertar-lhe paixões apenas amortecidas. Uma ordem do arcebispo de Rezan, Estevão, abriu á noviça as portas do convento, e nesse mesmo dia appareceu livre dos votos religiosos na presença de Alexis.

Mais que ninguem o arcebispo se interessava na revolução, porque o czar acintemente restringia o dominio da igreja de Rezan. Mas Estevão era tão destro que não trabalhava neste empenho abertamente, empregava os meios indirectos. O primeiro

indicio que revelou ao principe a idea d'uma conspiração foi o plano de uma trama sediciosa que de proposito lhe deixaram dentro d'um livro de resa; e pensaram os auctores que o nome do arcebispo no alto da lista dos conspiradores determinaria Alexis a ligar-se aos maquinadores. Mas enganavam-se, suppondo-lhe firmeza e immoralidade para tal resolução. Hesitou largo tempo, nem acceitava nem recusava: e se lhe não fosse intimada a ordem de seu pai para entrar n'um convento, e ainda assim se não viesse a par della a noticia do nascimento d'um filho, prole de Pedro e Catharina sua segunda mulher, nunca alcançariam vencer a indecisão, o temor e o respeito paterno de Alexis: mas ver-se a um tempo arrebatado do mundo, do throno, e dos braços da pessoa que adorava, era muito! E Pedro desta vez lançou aos hombros do filho uma carga, que não podia supportar.

E o que mais temia Alexis, era ver-se separado d'Afrosina: só um recurso tinha, e mau como era adoptou-o: decidiu-se a levantar uma impenetravel muralha entre a sua pessoa e o claustro: casou com Afrosina: e assim em guerra aberta com a vontade do czar, seu pai, já não era difficil move-lo a acceitar o primeiro papel da conjuração. Mas que importava esta vã acquiescencia? O mesquinho principe não possuia as qualidades de conspirador formal, nem era de coração damnado. Apenas sabe que seu pai, que estava em França, á volta succumbiria ao ferro preparado d'um assassino, não quer saber de conjuração, nem d'esposa, parte, corre e só pára quando, depois de ter morto o assassino, reputa fóra de perigo a vida do monarcha, seu pai. Neste tempo, Pedro 1.<sup>o</sup>, traigoeiramente chamado a Moscow por uma carta de Estevão, vinha a toda a pressa para os seus estados: mas o desígnio do arcebispo estava frustrado: era já morto o homem que devia apunhalar o imperador em Grodno; e quando impaciente esperava a nova da morte de Pedro, chegava este a Moscow disposto a suffocar a rebellião que lhe annunciavam, e que seria desastrosa nas suas consequencias.

No 1.<sup>o</sup> de Julho, ao alvorecer, todos os conventos se abriram, e de seus recintos foram sahindo falanges de religiosos dispostos em ordenança. Do interior dos palacios, aparentemente deshabitados, rebentaram legiões de paisanos servos, sob as ordens dos boiardos, seus patrões; e dos campos visinhos affluia multidão de outros: na praça grande do Kremlin acampava-se um corpo dos antigos sterlitz, resto do primeiro levantamento, e nucleo formidavel do moderno. Chegados os diversos bandos a este centro commum d'operações, o sino grande d'Ivan, tocado pela força de muitos homens, dá o signal atroador: retumbam no ar as acclamações; fluctua a bandeira velha dos sterlitz; os rebellados ajoelham, alçando as armas; o Dessisei os abençoa. Ao segundo signal erguem-se as turmas, e caminham para palacio com repetidos clamores de: *Abaixo o imperador! Morram os estrangeiros! Viva o nosso czar Alexis 2.<sup>o</sup>!*

Mas as portas do Kremlin estavam fechadas, circumstancia que moderou o primeiro impeto dos amotinados. Viram n'uma varanda alta o arcebispo de Rezan, com o vestuario pontificio, abençoando a multidão, e fazendo ao mesmo tempo com a mão repetidos e encontrados signaes: pensaram que o prelado se dispunha a coroar o novo czar, e corresponderam á pantomima com estrondosos applausos. Estevão se retirou. Todavia a frontaria quadrada do paço imperial estava cercada d'uma chusma incomensuravel, que recrescia e por todas as avenidas

desembocava, como um mar tempestuoso, engrossado pelas cheias dos rios; voz temerosa surgia da multidão clamando pela abertura das portas. E as portas obedientes gemeram sobre os gonzos, patenteando [que espanto!] os uniformes brilhantes da guarda Preobanjeski, formada no pateo interior do Kremlin. Recuaram primeiro a esta vista: mas logo o grito de *viva Alexis!* interrogou as disposições das tropas imperiaes, que responderam com um echo d'acclamação: então foi a alegria universal: e os soldados, que de noite e de tão longe vieram reunir-se a seus irmãos de Moscow e decidir o bom successo da revolução, foram saudados com vivas numerosos e cordiaes. Então estes recém-chegados abriram fileiras e metteram em linha no atrio, e o seu commandante, obtendo silencio de todos, observou que, para evitar alboroto e desordem, convinha que só entrassem no interior do palacio os principaes caudilhos de cada tropa; e nesta conformidade os metropolitanos, os commandantes dos sterlitz, os principaes boiardos, deixando junto ás muralhas a sua gente, seguiram pelo meio das guardas, que lhe apresentaram armas, e subiram a sombria escada do Kremlin. Não repararam que o batalhão na retaguarda formava columna cerrada; cheios de confiança, e com seguro passo, entraram em numero de cincoenta no vasto salão, logar escaçamente alumiado, que mais parecia prisão que sala de principes, que recordava áquelles homens memorias graves e terriveis; certo respeito supersticioso d'envolta com terror se lhes apossou dos animos, contemplando o theatro de tantas grandezas e de tantos crimes: alli tinham sido coroados muitos czares, alli tambem muitos czares tinham sido assassinados; salpicára o pavimento, que os conjurados pisavam, o sangue das familias mais nobres e lhes parecia que ainda estavam vendo as nodoas rôxas: mudos e pensativos, esquecia-lhes a cerimonia, que os aguardava ao pé do throno magnifico, erguido para receber o novo senhor, e embebidos nesta contemplação melancolica acordaram e estremeceram a um subito rufar de tambores: abriu-se uma porta, e sahiu o arcebispo de Rezan, deitando bençãos; e logo um official annunciando a chegada do czar.

Ajoelharam todos, abaixando as cabeças. Qual estrondo de trovão retumbaram aquellas palavras em seus ouvidos. — «Prostrais-vos, desgraçados, com a face no pó, para implorar perdão; mas juro por Deus que o não alcançareis.» — Perterritos, confusos todos ficaram, porque era aquella voz horrivel a de um homem, que elles julgavam estar a seiscentas leguas de Moscow: parecia que lhes fallára uma creatura sobrenatural: não ousaram erguer cabeça, e mais queriam esperar de joelhos o extremo golpe que olhar para a face irritada do seu senhor.

Pedro, no paroxismo da colera, atravessou o salão a passos largos, com os braços encruzados, e batendo rijamente o pé no chão. A convulsão nervosa que lhe deformava o rosto era ainda menos espantosa que o tremor geral que lhe abalava o corpo todo. Por muito tempo nada pôde dizer, até que com risadas horriveis proferiu estas palavras. — «Ah meus fieis subditos, querieis senhor? Pedro vos fazia falta... aqui o tendes, graças a Deus, para obrar como soberano; que não é elle homem para esperar ás portas do seu imperio as decisões da vontade de um rapaz fátuo e d'um bando de padres. Mas onde está o filho predilecto da igreja?» — E tornou a rir-se medonhamente... — «Não importa... sois cincoenta que pagareis por elle... Ajustaremos contas.» —

Com effeito cincoenta inimigos alli estavam, que

juravam armados a ruina do imperador; e elle passava só no meio de todos! Tal é o poder d'um lance imprevisto, tal o ascendente do homem forte, que ninguem ousa bolir-se. Dirigindo-se para os que tinha mais ao pé, lhes disse: —

— Staaoff, a quem fiz tantos beneficios, a tua cabeça será pregada nas portas de Moscow para ensinar aos ingratos que a justiça do czar é conforme á justiça divina. — Baklanoski, és valente e robusto, condemno-te aos trabalhos das minas. — Tu, Nicephoro, morrerás na Siberia. — E tu, Jonski, como teu pai, no supplicio do knout. — Todos os mais serão julgados: . . . abram-se as portas. —

Um batalhão da guarda appareceu, d'espadas desembainhadas, e desarmou os prisioneiros. Assim se mallogrou a conspiração. Privados dos cabeças, os amotinados renderam-se ou dispersaram-se. Alexis, que a tempo fôra prevenido, refugiou-se nos estados do rei de Napoles, seu primo. Não tardou muito que Afrosina o viesse alli procurar, acompanhada por dois officiaes do czar, e munida d'uma carta, em que o pai promettia ao filho inteiro perdão e toda a protecção. Era tudo isto um ardil, um laço; e o imprudente Alexis cahiu nelle. Em quanto viajaram por territorio estrangeiro, da parte dos officiaes não havia senão contínuas demonstrações de obediencia e respeito ao principe; mas assim que pisaram chão moscovita, mudou tudo: os companheiros de jornada converteram-se em guardas severos: Alexis teve de entregar a espada; e, se ainda algumas duvidas tinha, dissipadas deviam ficar na conferencia com seu pai. Os modos deste não eram de pai irritado, mas de senhor absoluto. Enganado pelo arcebispo de Rezan, que temia muito a reconciliação dos dois; persuadido que Alexis tinha acudido a Grodno para o perder e não para o salvar; Pedro tratava o filho como criminoso e ao mesmo tempo como vencido. Dialoguemos esta scena.

O czar fallou nestes termos: — «Alexis, não te lembrarei as lições e reprehensões que desde a infancia, por tua indole teimosa e rebelde, sempre mereceste. Debalde diligencieei estimular a tua preguiça: rogativas, admoestações, ameaças, não havia cousa que te fizesse homem activo. As tuas idéas, desvairadas em sonhos inertes, não acordaram uma só vez para examinar a materia mais digna das vigílias d'um soberano; a civilização do povo. E o meu povo precisa d'uma cabeça que pense, e d'um braço capaz de obrar: o que herdar o meu throno, deve herdar a minha politica. E como a poderias tu seguir, se a não comprehendes? Não quero, creio que me percebes, que depois da minha morte, tudo quanto fiz se desfaça aos pedaços: não quero que a minha vida seja consumida em esforços baldados, e que o meu reinado só venha a produzir fructos estereis. É tempo de to declarar: não serás meu successor. . . tal é minha vontade, invariavel e permanente. É preciso que te sujeites a ella para mereceres a minha indulgencia.»

O principe, que já esperava esta dura conclusão, ficou immovel sem soltar palavra. — «Vais assignar este papel [continuou o czar]: é uma renuncia formal de todos os teus direitos, titulos, e pertençaes.» — E logo apresentou ao filho um pergaminho escripto e já sellado com o sello grande das armas do imperio.

— «Podeis mandar, como senhor — respondeu Alexis.» —

— «Bem percebo: esperas, sem duvida, allegar de futuro violencia, e reclamar a assignatura: porrem vais assignar ao mesmo tempo a renuncia que exijo e a declaração de que o fazes livre e esponta-

neamente. Com effeito, eu não te obrigo; és culpado, dou-te o perdão em paga da submissão. Não é obrigação, que te imponho; é tratado, que te offereço; se o achas vantajoso, assigna-o.” —

— “Mandais como senhor... — disse o principe, e tomando a penna ia firmar o nome; mas Pedro o suspendeu: —

— “Espera, que não te expliquei tudo... vais declarar tambem que és criminoso para comigo, que a influencia dos monges sobre o teu animo fraco te illudiu a ponto de não conheceres as brilhantes reformas que tenho feito, que para todas as Russias crearam nova era de prosperidade e gloria; esta confissão comprehende-se no papel que assignas. —”

— “Exigis de mim que firme o desdouro proprio: [disse o mancebo dolorosamente] embora; soffrerei mais essa affronta; assim o mandais; seja completo o sacrificio.” — E Alexis pôz seu nome por baixo da declaração; brilhou viva alegria nas feições do czar, que logo quiz apossar-se do pergaminho: mas Alexis o seguiu para o lêr até o fim; uma palavra lhe fizera impressão, e fixando a vista na phrase seguinte: — *Declaro que renuncio a corôa por mim e meus descendentes perpetuamente*: exclamou arrebatado: — “Por meu filho! Por meu filho, Pedro, nunca! Isto é falso... tal não assignei... não assignei por meu filho... E quereis que o despojasse dos direitos que o sangue lhe déra?... Com que jus; em nome de quem?... Deus o fez principe; e posso eu revogar a vontade de Deus?...”

— “Mas eu a revoguei, fui eu, desherdando-te.” —

— “Porque eu consenti, porque sou fraco, porque estou cansado de soffrer, e estremeço perante vós... Mas o meu filho... que annuncios não mostra já de energia e grandeza d’alma! Quando o reduzirdes, como me fizestes, a viver sob a contínua influencia das vossas ameaças, quando lhe tiverdes cansado o animo e esgotado as forças, então lhe permittirei ceder, como eu agora faço, ás vossas despoticas vontades: mas até então, respeito aos seus direitos como á sua innocencia! Eu o defendo contra vós, sou o seu unico arrimo; é meu dever resistir-vos, e resistir-vos-hei. Confirmo o meu dicto: [progrediu sem que o assombrasse o furioso olhar de Pedro]: seria preciso não ter coração para aviltar a semelhante ponto a posteridade propria, para lhe legar um labéu tão repugnante. Não me falleis em politica... renunciei o sceptro, porque me não julguei capaz de vos succeder; porem meu filho o que fez? Que tendes de que o accusar? Que sabeis do seu futuro? Temeis que nos defeitos se pareça com o pai? E porventura me pareço eu comvosco?... Por certo que a sentença iniqua, que proferis, não é aconselhada pela politica, é filha do odio!” —

Em quanto pleiteava por seu filho com fervorosa eloquencia, o rosto d’Alexis se inflammava, ganhára força na voz, energia na postura, por tal maneira que seu pai se espantára de tão estranha ousadia. Cessou de fallar; e Pedro, descórado por effeitos da colera, como era seu costume, tomando a vez de responder, bradou enfurecido..

— “Mesquinho desgraçado! Assim me obedeces!.. Odio... dizes tu?... Sabe que tens razão; quero revelar-te o íntimo da minha alma. Aborreço-te desde o teu nascimento; e já te aborrecia antes de te ter visto: na tua pessoa acho o obstaculo unico, o meu eterno inimigo, o cachópo em que naufragam os meus pensamentos e designios, até os meus prazeres. Mas não quero, como tu, perder tempo em palavras vaãs. Assignaste esse escripto, restitue-mo.” —

— “Não; não vô-lo restituirei sem riscar as palavras, que desherdariam meu filho: porque eu não

o aborreço; amo-o, e a consciencia não me accusa de o condemnar anticipadamente. Vivirá para reinar depois de vós; ao contrario, terrivel será a conta que terá de ajustar-se entre vós e elle, entre vós e Deus!” —

Pedro, cujos olhos scintillavam apesar da obscuridade da noite, homem que, como elle proprio confessava, não podia ser senhor de si nos impetos da colera, agarrou violentamente o braço do principe, e levantou o seu... — “Luzes! [bradou Alexis] luzes! Venham ver a liberdade, que me deixa meu pai...” — O czar horrorizado de si mesmo recuou. Instantaneamente acudiram guardas com tochas accêsas.

— “Quereis restituir-me esse pergaminho?” — perguntou Pedro, fingindo grande presença d’espírito.

— “Abi o tendes...” — replicou o principe, rasgando-o e atirando-o feito em pedaços.

— “Desgraçado! serás processado!” —

E com effeito o foi e condemnado, e de mais a mais á morte, porque tal era a vontade do czar; e quem ousaria desobedecer-lhe? — Todavia Pedro veio a abrandar-se: os rogos de todos, as instancias da propria imperatriz, Catharina, que, pondo de parte interesses particulares, orou a favor do infeliz principe, a final triumpharam da resolução do monarcha, que se satisfez exigindo de Alexis, como penhor de perdão certo, a renuncia positiva de todos os direitos á corôa. Fatigado d’uma luta em que não podia ganhar superioridade, cubigoso d’uma existencia socegada, o principe teria cedido: mas era o que por modo nenhum convinha ao arcebispo de Rezan, implicado no negocio. Vivo Alexis e reconciliado com seu pai, tinha muito que recear o arcebispo, mas todos os seus sustos se desvaneciam, morto Alexis, porque com este se enterravam os seus segredos. A espada tinha entrado na bainha; mas havia ainda o recurso do veneno. O carcereiro, comprado a peso d’ouro, consentiu no crime; e no proprio dia que Pedro trazia a seu filho a ordem de soltura, achou-o ralado pelo veneno nos braços da morte: severo e duro do coração, como era, foi para elle bem penoso golpe o vêr o filho da sua mocidade peccar em meio d’atrozes convulsões, e, o que ainda mais sensível lhe era, ouvi-lo amaldiçoar o pai e accusa-lo de lhe ter propinado o toxico mortal.

— “Grandes do imperio [bradava Alexis] não deixeis meu filho em poder desse homem; á vossa guarda o entrego para que não pereça da morte de seu pai?” —

— “Cala-te, desgraçado!” — exclamou o czar; mas logo reprimindo-se continuou: — “Perdão e desculpo o teu tresvario: mas cré-me. Sempre esperei que te anticipasses a implorar perdão: emfim, agora eu proprio venho trazer-t’o... E não t’o havia prometido ainda não ha tres dias?...” —

— “Sim, com o do conde Kikin. Mas a este o que fizestes?... Alli... alli... ha pouco e á minha vista...” —

— “Era necessario um exemplo: [disse Pedro erguendo-se e passeando a passos largos] esse homem te illudiu com seus conselhos; decepei nelle a cabeça da revolta.” —

— “O cabeça... por certo que o não era elle... Bem conheço eu o verdadeiro.” —

— “Pois quem é?” —

— “Não o sabeis ainda?” —

— “Tu m’o dirás?” —

— “Kikin era innocente!.. É mais um remorso que vos lego.” —

— “Nomeai-me o verdadeiro criminoso...” —

— «Morto! . . . morto o conde por me ter amado! . . .» —

— «Não tratâmos desse, mas do cabeça da conjuração?» —

O desejo fixo de Pedro era alcançar conhecimento do auctor dos perigos a que estivera exposto: toda a energia concentrada encaminhava-se a este unico alvo: compaixão, ternura, o perigo que ameaçava a vida de seu filho, o horror da accusação de assassino, tudo se lhe apagou da lembrança. Alexis paciente e moribundo lhe pareceu nesse momento o criminoso a quem se dá tratos e que persiste em recusar a confissão, que pertendem extorquir-lhe. O sentimento de pai calou-se novamente ante o despotismo d'imperador. Como o principe não respondera, chegou-se d'elle gritando: — «Ouves-me? Diz-me quem é esse homem? . . .» —

Alexis voltando-se subitamente, com a vista afoqueada e um sorriso ironico nos labios, respondeu: — «Agora estais dependendo d'um moribundo! Ardeis em desejos de conhecer o meu segredo e o comprareis por todo o preço; se eu vo-lo dissesse, barata vos ficaria a minha vida . . . mas não; porque não tereis descanso nem somno quieto; julgareis que sempre tendes ao lado o inimigo desconhecido. . . Envenene o temor os vossos dias e noites; e então vos pesará de ter dado a morte á unica testemunha que vos podia informar. . . Se este é o unico remorso que vos deixo, conservai-o. . . nada sabeis.» —

— «Venha um confessor! — [bradou Pedro] Não chamar o arcebispo de Rezan.» —

Em quanto davam cumprimento á ordem, o delirio da febre assaltava Alexis: ora apertava nos braços a chara Afrosina, ora a repellia irado; e a misera mulher desesperada, a quem ninguem dirigia palavras de consolação, desfazia-se em lagrimas e soluços: os medicos consternados conservavam-se em silencio: dos cortesãos só Dolgorouki exprimia a sua dor, todos os mais não ousavam boquejar.

Entrou o arcebispo, pallido, tremulo, coberto de suor frio: não eram remorsos, era medo: lançou um olhar, claro indicio de mortal anciedade, sobre todos os circumstantes; mas tanto bastou para logo comprehender que Alexis nada tinha declarado.

— «Meu padre, disse o czar, interrogai meu filho: elle recusa, no transe da morte, patentear revelações importantes para o estado e para mim: será um novo delicto com que tem de appresentar-se no tribunal divino. Perguntai-lhe o nome do motor occulto da conspiração.» —

Estevão, que interiormente estremecia ao ouvir estas palavras, vagarosamente se encaminhou para o leito de dores, onde a sua victima lutava com as extremas agonias; chegou-se com alguma hesitação, e inclinando-se para Alexis teve a precaução de voltar as costas á luz, para com a sombra se lhe não distinguir a alteração da physionomia.

— «Meu filho [lhe disse em voz baixa e custosamente proferida], a vossa consciencia carece dos socorros da religião: abri-vos comigo e confessai todas as vossas culpas.» —

— «Um padre! [disse abafadamente o mancebo moribundo] Um ministro de Deus! . . . padre, quem quer sejais . . . deitai-me a absolvição. . . Mas . . . que castigo pensais que o céu reserva ao meu assassino?» —

Por mais que Estevão se concertasse para este lance, tremeu e horrorizou-se e não pôde responder. O penitente continuou: — «Isto é mais que um assassinio ordinario. . . É um pai que mata seu filho. . .» —

— «Então [perguntou Pedro] resolve-se e declara? . . .» —

O arcebispo voltou-se para responder; e ao clarão das tochas Alexis lhe reconheceu as feições, e exclamou: — «Ainda me apparece este homem! . . . Que me quer? . . . Vêde como tem o vestido manchado de sangue. . .» —

Olhando ora para Estevão, ora para o pai, dizia: — «Alli estão os dois auctores de meus males, entre esses inimigos como entre dois escolhos reduziu-se a pó a minha existencia, pela violencia de um e perfidia d'outro! . . .» —

— «Então que diz elle? — tornou a perguntar o czar.»

— «Estou perdido [reflectiu consigo mesmo o arcebispo] se o enfermo se conserva mais algum tempo em uso de razão.» — E logo representando novamente o papel de confessor, fallou baixo ao ouvido do agonizante, annunciando-lhe que ia comparecer na presença divina, ameaçou-o com as penas eternas, como auctor da morte de sua primeira mulher, Carlota Sophia, e inspirou-lhe com suas palavras tão vivo terror que o principe, inteiramente tresvariado, atirou consigo fóra da cama e cahiu de joelhos com mãos postas. . . Afrosina, veloz como a luz, se arrojou adiante d'elle, e Alexis sem a conhecer a supplicava: — «És tu? . . . Ainda te vejo, Carlota. . . ah! perdão! imploro perdão! . . .» — Depois recobrando valor sobrenatural levantou-se e pensando que perseguia Danilo, o malvado comprado pelo arcebispo para assassinar Pedro 1.<sup>o</sup> á volta de França, bradava: — «Matador . . . assassino . . . morre . . . expira. . . Meu pai, salvei-te a vida.» — Quiz continuar e não pôde articular palavra: estendeu os braços e não pôde mover os pés: atacado por furiosas vertigens cahiu a final sem sentidos. Afrosina se lançou sobre o corpo do esposo e desmaiou abraçando-o. Os medicos consultaram o pulso do enfermo, e depois abanaram tristemente a cabeça. Então mais seguro o arcebispo olhou tranquillo para o soberano.

— «Que temos? Que disse elle?» — perguntou o czar meio alienado.

— «Senhor, não recebi a extrema confissão do infeliz.» —

Pedro batia o pé no chão com desusada vehemencia. — «Não saberei nada! Não é possível sabê-lo! — Estas foram as expressões, que durante alguns minutos se lhe ouviram.

Tal foi o desfecho deste negro e atrocissimo enredo: e a historia, para melhor dizermos, a catastrophe acaba com as exequias do misero Alexis. Afrosina recolheu-se ao convento; e o arcebispo morreu, vendo desvanecidos os seus ambiciosos designios, porque Pedro 1.<sup>o</sup>, cioso de toda e qualquer auctoridade, investiu-se cabeça supremo da igreja scismatica.

#### FUTILIDADE DOS ENIGMAS.

ENIGMA é uma palavra grega que significa pergunta intrincada, ou o que vulgarmente se conhece pelo nome de *advinhação*. É a descripção de uma coisa por algumas de suas qualidades, dispostas de tal modo que occulte o que é, para que o seu descobrimento cause maior admiração; por exemplo, o celebrado enigma da fabulosa esphinge de Thebas: — Qual é o animal que de manhã caminha em quatro pés, ao meio dia em dois, e de tarde em tres? — Aqui se occulte que o sujeito do enigma é o homem, debaixo da allegoria de manhã pela sua infancia, do meio dia pela sua virilidade, e da tarde

pela sua decrepitude, e as qualidades de andar o menino de gatas, o robusto com firmeza, e o velho encostado a um bordão.

O enigma distingue-se da definição, em que o fim desta é communicar em termos claros e precisos uma cousa ou um pensamento, ao mesmo tempo que o enigma não apresenta o objecto senão em um sentido, ou apenas mostra algum dos seus attributos, e de ordinario o mais inesperado. O fim pois da definição é dar uma exacta informação, e o do enigma exercitar o ingenho.

Os antigos, e particularmente os orientaes, eram mui affeccionados aos apologos e parabolos, e por isso era o enigma um meio de que frequentemente se serviam para communicar ao povo as verdades de maior transcendencia. As parabolos que lemos na Escriptura, como a tão maravilhosa de Natan a David, e as muitas de que Jesus Christo se servia, não eram enigmas nem advinhações, porque nellas se não occultava o sujeito, nem se ommittiam as circumstancias principaes, mas apenas se disfarçava o fim ou o objecto do discurso, para depois, por argumento d'analogia, fazer-se mais sensivel a verdade.

Os antigos, por outro lado, eram nimiamente affectados e excessivos em suas composições formaes, e para se differencarem do discurso ordinario, e confundirem mais o ignorante, usavam do estylo enigmatico, envolvendo em sombras mysteriosas o sentido occulto. É de crer que a palavra enigma significasse uma curta composição, como apologo, fabula, ou outros exemplos de sabedoria, mas envolvida em maior mysterio ou obscuridade.

Com o progresso da civilisação e da litteratura nos tempos modernos, começou a conhecer-se que a obscuridade e a difficil interpretação eram qualidades inconsistentes com os mais nobres objectos do discurso e da instrucção, por maior que seja o prazer daquelles que se delectam em decifrar um enigma. Quer seja o intento do que falla ou escreve communicar simplesmente alguma noticia, quer seja tambem appellar para a imaginação e para as paixões, o estylo deve estar em harmonia com a expressão, isto é, deve exprimir directa e completamente os pensamentos do que falla, ou do que escreve.

Sendo pois a indole do enigma diametralmente opposta áquelle fim, em vez de ornamento, deve ser considerada como o peor defeito do estylo. Tudo quanto se approxima ao enigmatico deve ser censurado como um erro, assim no discurso familiar como no elevado, assim na escriptura epistolar como na poetica. É uma observação mui justa a que muitos fizeram dos engenhos enigmaticos, que esvoaçam pela superficie, sem que jámais toquem na substancia, e que empregariam antes o seu tempo em decifrar uma advinhação, do que na investigação de um phenomeno commum da natureza. Se o uso dos enigmas póde ser agradável ao ignorante, é desprezado pelo sabio, e por isso devemos concluir que todo o enigma é uma futilidade.

#### SOBRE A EDUCAÇÃO.

Como o melhoramento e progresso da instrucção é o principal fim deste jornal, bom será definirmos, antes de entrar em materia, que cousa seja educação, e em que consiste a instrucção verdadeira; e posto não falte quem julgue que a palavra educação é por si tão clara que não carece ser explicada, estamos certos que poucas pessoas responderão satisfa-

toriamente, se se lhes perguntar o que entendem por verdadeira educação. O homem que vive em sociedade, seja qual fôr o paiz que habite, a religião que professe, e a constituição civil a que obedeça, necessita ter tres qualidades de educação: — uma que lhe indique os meios de obter a salvação da alma, como bem unico para que foi creado e a que póde aspirar — esta é a educação religiosa: — outra que lhe mostre os seus deveres como homem e como cidadão — esta é a educação moral e politica; — e a terceira que o ensina a cumprir com as suas obrigações em qualquer cargo que occupe na sociedade, daremos o nome de *professional*.

É uma proposição inegavel, que a cousa mais util para o homem é a que mais contribue para a sua felicidade. No entanto, como a palavra *util* é geralmente tomada n'outro sentido — não em relação á felicidade do individuo, mas ao que póde produzir-lhe mais dinheiro — é por isso que se diz que este ou aquelle emprego é *util* quando d'elle resultam grandes lucros para quem o serve. — Eis o motivo porque se considera perdido o tempo gasto com outra educação mais importante qual é a moral e religiosa, seguindo-se d'aqui males gravissimos para a sociedade. Póde qualquer pessoa ser mui capaz e eminente no emprêgo e profissão que exercer, e procceder a outros respeitos como um miseravel, e até como um malvado. Por tanto, o homem verdadeiramente feliz não é só o que trabalha muito, mas o que é util aos seus semelhantes e que trata dos outros como de si proprio: — cumpre-lhe, sem duvida alguma, ser assiduo no seu emprego, porem nunca a ponto de abandonar todas as demais cousas. E se a conservação da paz e felicidade domestica merece que lhe dediquemos algum tempo, o mesmo exigem a amizade e relações com os nossos vizinhos e compatriotas, pois desgraçada é a pessoa que foge da sociedade e convivencia do mundo. A felicidade interna não póde obter-se sem meditação; e esta só se fórma e conserva com o conhecimento da religião e estudo das sciencias naturaes. O homem de grande mérito não é só o advogado habil, o medico profundo, o cirurgião applicado, e o bom calculador, mas tambem o que tendo apenas alguma instrucção fôr estimado, e reconhecido homem de bem: — o que é desprezível e iniquo, encontrará na hora da adversidade o anathema de toda a gente. — Tudo próva a necessidade de uma educação bem pensada — que nos instrua de nossos deveres para com Deus e o proximo; finalmente, uma educação que nos ensine o que nos cumpre ser como cidadãos e membros de uma sociedade que não póde subsistir se cada um de nós não contribuir para a sua manutenção, obedecendo ás leis feitas para bem de todos.

A educação que rasgando o véu da ignorancia franquear luz ao entendimento, e que incutindo-lhe idéas nobres e generosas estender a esphera do seu poder, será um thesouro de que cada um de nós deve fazer bom uso. O homem que não conhecer as leis e obras da natureza, nem póde meditar nem sustentar uma conversação agradável e variada.

Procurar estas vantagens aos nossos leitores é o principal fim deste jornal, e por isso apresentaremos uma e outra vez á sua consideração a perfeição das obras de Deus, tanto no que diz respeito ao firmamento como á superficie do globo que habitamos, ao mar, aos rios, aos campos, e ás proprias entranhas da terra, accrescentando a este quadro as obras mais maravilhosas da industria humana. É esta a educação que póde tornar o homem feliz, instruido e amavel, sem lhe absorver o tempo que deve empregar nos seus misteres. Busquem-se os meios de

conseguir este fim, e uma vez obtido faça-se bom uso d'elle, pois é no que consiste a boa educação.

#### A IMPRENSA REAL DE PARÍS.

A IMPRENSA real de París possui typos de 56 alphabets orientaes, em os quaes se comprehendem todos os caracteres conhecidos das linguas da Asia, assim antigas como modernas, e 16 alphabets das nações europeas, que não empregam a lettra de molde, chamada romana: d'estas ultimas tem a imprensa real 46 fundições completas de varias fôrmas e de differentes tamanhos. O péso do metal de todos estes alphabets orça por 750:000 libras; e como o typo, que entra em uma pagina de 8.<sup>o</sup>, pésa umas 6 libras, podem-se compôr simultaneamente n'aquella officina 7:812 folhas de impressão, formando quasi 260 tomos de 8.<sup>o</sup>, ou, o que vem a ser o mesmo, 125:000 paginas. O numero de prensas empregadas podem tirar 278:000 folhas por dia, ou 556 resmas de papel, equivalentes a 9:266 tomos de 8.<sup>o</sup> de 30 folhas de impressão, ou de 480 paginas cada um. O consumo annual de papel n'aquella officina é regularmente de 80 a 100:000 resmas, ou de 261 a a 326 em cada dia util de trabalho. O numero de compositores e impressores, empregados constantemente, anda de ordinario por 350 pessoas.

#### NOBRE ORGULHO DE UM GRANDE D'HESPANHA.

O DUQUE de Bourbon, condestavel de França, da familia real, tendo-se deshavido com a mãe delrei Francisco 1.<sup>o</sup>, deixou a França, e veio á Hespanha offerecer os seus serviços a Carlos 5.<sup>o</sup>, que o acolheu com summo prazer. Os nobres de Castella, ainda que bem informados dos talentos militares e do valor do principe francez, o consideraram como traidor ao seu rei e á sua patria, e conseguintemente nenhum d'elles o visitou. Não havendo ainda palacio em Madrid, viu-se obrigado o imperador a procurar uma casa particular para residencia de Bourbon; d'estas a melhor em Madrid era a do marquez de Vilhena, ao qual o imperador foi pessoalmente pedi-la por alguns dias. «Senhor, lhe tornou o nobre castelhano, não posso negar cousa alguma a vossa magestade; podeis por tanto dispôr da minha casa; mas desde já declaro, que apenas ella fôr desocupada pelo duque, eu mesmo a incendiarei, até arazala, como casa infestada pela traição e pela infamia, e como incapaz de tornar a ser habitada por um homem da minha honra.» Carlos 5.<sup>o</sup> procurou outro alojamento, e depois mandou Bourbon para a Italia como general do seu exercito, o qual morreu no assalto de Roma d'um tiro de arcabuz.

*A indolencia.* — Nenhuma disposição, nenhum habito constitue o homem mais inepto para o cumprimento dos deveres de uma vida racional, do que a indolencia. Um homem indolente é zero na criação; parece que não foi feito para cousa alguma, e que a sua vida não tem objecto, porque para nada vive. É um zangão na sociedade, se vive a expensas dos outros; e se é senhor de bens desmerecidos, é um cerdo no cortil, que se ceva para engordar. Se por favor é provido em algum emprêgo, perde-lo-ha por incuria; é incapaz de profissão alguma litteraria, porque lhe falta a diligencia para a seguir; não poderá concluir empreza alguma, por carecer da constancia necessaria na execução. Será mau pai, mau marido, e mau filho, porque nenhum trabalho,


nenhuma applicação empregará para conseguir os meios de sustentar a sua familia; não poderá ser amigo de ninguem, porque não moverá um dedo, nem dará um passo para servir os outros, nem para evitar os males alheios. Mais inutil do que o animal bruto será a deshonra da humanidade.

*Festa das cerejas.* — Celebra-se uma função, assim chamada, em Naumburg, na Allemanha, em que os rapazes aos bandos correm as ruas com ramos verdes enfeitados de cerejas, para commemoração do seguinte successo. Em 1432 os herejes hussitas, organizados como exercito, ameaçaram destruir a cidade de Naumburg; então um dos cidadãos propoz que toda a rapaziada da terra dos sete até os quatorze annos fosse mandada em fôrma de deputação supplicante á presença dos invasores. Proupio Naso, caudilho dos hussitas, commoveu-se com este espectáculo, recebeu bem toda aquella mocidade, prometteu-lhes poupar a cidade ao premeditado estrago e despediu-os tendo-lhes offerecido um regalo de cerejas e outras fructas. Voltaram os rapazes, coroados de ramos verdes com as cerejas penduradas nelles, e pôde dizer-se que conseguiram uma victoria. — *Phillips. History of fruits.*

*Os noivos cavalleiros.* — Em Thomar havia antigamente um galante modo de fazer cavalleiros, como consta d'um alvará dos registos d'elrei D. João 1.<sup>o</sup>, pelo qual manda que aquelle costume se observe. Era elle que o que queria casar naquella villa, cavalgava um cavallo, com uma lança na mão e levando um alqueire de pão cosido e um almude de vinho, chegando ao castello dava com a lança na porta, dizendo: *Cavalleiro quero eu ser.* Sahia o alcaide do castello a esta voz e cobrava a pitança, voltando o noivo para casa, habilitado para poder casar-se; e se algum não satisfazia a esta cerimonia nem pagava aquelle emolumento, o alcaide, por via de multa, levava-lhe o oitavo.

Villas-boas Sampayo, que refere esta usança na sua *Nobiliarchia portugueza*, cap. 17.<sup>o</sup>, acrescenta. — «Praticavam os antigos estes e similhantes costumes, que agora nos parecem galantarias, assim como muitos dos nossos usos o poderiam então parecer tambem a elles.

*Venda de dois quadros.* — Em Maio deste anno venderam-se em Londres dois quadros do celebre pintor hespanhol, Murillo, uma das personagens que figuram no romance historico inserto a pag. 345 e segg. deste Jornal. — O do *Bom pastor* comprou-o Mr. Rotschild por 2:045 lib., mais de doze contos de réis: e o de *S. João Baptista* levou-o Lord Ashburton por 2:010 lib., mais de 8 contos de réis.

 *A Direcção avisa aos Srs. assignantes deste Jornal que as actuaes assignaturas findam com o n.º 191, ultimo do corrente Dezembro. Aquelles Srs. residentes em terras das provincias, onde a Sociedade não tem correspondentes, que quizerem continuar, deverão dirigir-se á Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, pelo correio, porte franco. Aos Srs. assignantes de Lisboa, que não avisarem com tempo que não pretendem renovar a assignatura, se continuará a mandar o Jornal ás suas respectivas moradas.*

*Assignatura annual . . . . . 1:200 r.º*  
*D.º por semestre . . . . . 640*